

## UM LUGAR PREFERIDO PELOS ROMÂNTICOS: O SINGULAR

JONAS DE ARAÚJO ROMUALDO  
(UNICAMP)

Diferentemente da demonstração, que é unívoca e leva sempre a uma única conclusão, a argumentação tem, muitas vezes, como característica o poder de evocar justamente uma outra argumentação contrária. Este é um dos temas que discutiremos aqui.

Na explicitação daquilo que permite a uma argumentação poder evocar uma argumentação contrária, certamente pode-se lançar mão das mais variadas explicações oriundas de teorias diversas, por sua vez, relacionadas a fenômenos múltiplos de argumentação. Conscientes desta multiplicidade de fenômenos e de enfoques, restringir-nos-emos aqui ao exame dos lugares-comuns, cuja presença no discurso geralmente evoca um outro lugar contrário, utilizando a teoria da argumentação (nova retórica) de Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca (1996).

Os lugares-comuns, ao contrário dos lugares específicos, podem servir a qualquer gênero oratório, a qualquer ciência. Eles se caracterizam por sua generalidade, que os tornam utilizáveis em qualquer circunstância. Eles também podem ser caracterizados como espécies de premissas muito gerais, que fundam valores, instauram hierarquias ou reforçam a intensidade de adesão que, numa argumentação, valores e hierarquias suscitam.

É óbvio que a preferência pela caracterização de lugar-comum, como está exposta acima, é uma escolha. Há outros sentidos de lugar-comum, palavra que continua obscura. A vantagem da utilização da caracterizações expostas de lugar-comum é que elas se acham bem articuladas a outras noções dentro da nova retórica.

Na nova retórica, em que a concepção de auditório tem um papel central, os lugares específicos e comuns aparecem como associados a auditórios particulares. Em contrapartida, os fatos, as presunções e as verdades, estão associados, de algum modo, com o auditório universal, noção polêmica. O auditório universal é um auditório que supostamente representa toda a humanidade ou, pelo menos, todos os homens adultos. Cada época e cada sociedade constrói e concebe de maneira específica o auditório universal. De qualquer modo, fato, verdades e presunções são agrupados dentro da categoria do real e sua presença no discurso indica que o locutor está se dirigindo ao auditório universal. Por sua vez, os valores, as hierarquias, e os lugares do preferível caracterizam auditórios particulares.

Voltando agora à questão de que a utilização de um lugar-comum pode evocar num auditório um outro lugar que funciona como lugar contrário, tomemos para a discussão o par: lugar da quantidade x lugar da qualidade. Na nossa sociedade,

quantidade e qualidade são insistentemente acionados, postos em confronto e aparecem modulados de várias formas em propagandas comerciais e políticas nos meios de comunicação. Por exemplo, nas últimas campanhas eleitorais para governador, em São Paulo, lá, onde um candidato a governador dizia que no tempo em que governava São Paulo construiu obras sobre obras, o outro replicava falando da honestidade de sua gestão, também como governador. Nesses exemplos, estão em jogo a quantidade, utilizada pelo primeiro candidato e a qualidade, utilizada pelo segundo. Lembremos que a utilização dos lugares é, em geral, implícita. Não é muito conveniente, às vezes, explicitar os lugares utilizados.

Que um lugar logo evoca o seu contrário está ilustrado pelos antigos. Dentre os muitos exemplos que estão em Aristóteles, destaco este que envolve a questão da qualidade x quantidade:

*“O que é mais raro é preferível ao que é abundante; por exemplo, o ouro é preferível ao ferro, embora seja menos útil; sua aquisição reveste maior importância, por ser mais dificultosa. Mas, sob outro ponto de vista, o abundante é preferível ao raro, por seu uso ser mais espalhado, e porque freqüentemente é superior a raramente. Donde, o provérbio: “Não há coisa melhor que a água” (Aristóteles: 53)*

Neste trecho, e não pode ser se outra forma, o lugar da qualidade é discutido conjuntamente com o lugar da quantidade. Em primeiro lugar, apresentam-se justificativas pelas quais entre ouro e ferro pode se preferir o ouro, ou, em outros termos, apresenta-se uma hierarquia em que ouro se apresenta como superior ao ferro. O que sustenta essa hierarquia é a qualidade. Logo em seguida, a qualidade é relativizada: pode-se justamente preferir algo por razões quantitativas, estabelecendo, assim, outra hierarquia. Os lugares da quantidade afirmam que uma coisa é melhor que outra por razões quantitativas (Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L. (1996:97)). Já os lugares da qualidade, *“os menos apreensíveis, aparecem na argumentação quando se contesta a virtude do número”* (Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca (1996:100)).

O modo como Perelman, no trecho acima, tenta caracterizar a qualidade, supõe já uma situação argumentativa em que a quantidade é afirmada.

O lugar da quantidade aparece como lugar do duradouro (em oposição ao precário), como lugar do provável (em oposição ao improvável). Relacionado com o lugar da quantidade, está, também, a preferência concedida ao fácil e àquilo que se apresenta como habitual. Dizem Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L (1996: 99): *“O que se apresenta mais amiúde, o habitual, o normal, é objeto de um dos lugares utilizados com mais freqüência, a tal ponto que a passagem do que se faz ao que é preciso fazer, do normal à norma, parece, para muitos, ser natural. Apenas o lugar da quantidade autoriza essa assimilação, essa passagem do normal, que expressa uma freqüência, um aspecto quantitativo das coisas, à norma que afirma que tal freqüência é favorável e que cumpre conformar-se a ela”*. Em oposição ao normal está o excepcional, que *“é visto com desconfiança, salvo demonstração do seu valor”* (Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L. (1996: 100)).

O excepcional associa-se ao lugar da qualidade, que é o que nos interessa mais de perto. O lugar da qualidade pode aparecer como lugar do irreparável, o lugar do único, o lugar do original e raro (por oposição ao comum, ao corriqueiro), o lugar do precário, que valoriza aquilo que está ameaçado e, por isso, ganha um valor iminente: exemplo, o *carpe diem*, a respeito do qual falaremos mais adiante. Todos esses lugares valorizam, de vários modos, o singular, que é um traço bem marcante do romantismo em oposição ao classicismo.

Muito explicitamente, a valorização do singular tem aparecido hoje em Lingüística associada ao chamado paradigma indiciário, numa pesquisa sobre aquisição da escrita em que se buscam definir “*alguns caminhos metodológicos que permitam a descobrir alguns elementos fundamentais para a explicação da relação sujeito/linguagem ao longo do processo de aquisição da escrita*” (Abaurre, M.B.M.; Fiad, R.S.; Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1995: 23-24)). Os traços que mais me interessam de perto é a valorização, até as minúcias dos detalhes, relacionada à manifestação da singularidade. Outro traço muito importante é o trabalho com indícios reveladores que, aliás, relaciona-se com o traço anterior. Do nosso ponto de vista, se é verdade que as posições teóricas são explícitas em considerar a linguagem como lugar em que a subjetividade se mostra, não são claras, no entanto, em relação à necessidade de se incorporar a própria subjetividade das pesquisadoras no tratamento dos dados. O que é singular é singular para um sujeito específico, já que “*que qualquer dado é, em um sentido trivial do termo, singular*” (Abaurre, .B.M., Fiad, R.S.; Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1995: 8)). Por outro lado, a interpretação das pistas repõe a questão da própria interpretação, que, embora muito temida, não se pode fugir dela quando se trata da linguagem. A interpretação é lugar da subjetividade, palavra perigosa hoje em dia.

O lugar da qualidade está, pois, expresso muito claramente em todo o livro (Abaurre, M.B.M.; Fiad, R.S. e Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1997)). Está muito claro que esta é uma preferência, digamos assim, uma escolha entre outras possíveis. Entre muitos trechos que poderíamos comentar, escolhemos este para ilustrar o modo muito explícito de como aparece, no texto, o lugar da qualidade: “*Muito freqüentemente, portanto, encontraremos, dentro dos dados da aquisição, aquelas ocorrências únicas que, em sua singularidade, talvez não voltem a repetir-se jamais, exatamente por representarem instâncias episódicas e locais de uma relação em construção, entre sujeito e linguagem. Se considerarmos teoricamente relevante entender a natureza dessa relação, essas ocorrências podem adquirir o estatuto de preciosos dados, pelo muito que sobre a relação mesma nos podem vir a revelar*”. (Abaurre, M.B.M.; Fiad, R.S.; Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1995: 18)). No texto, instaura-se uma hierarquia entre tipos de dados. Um tipo de dado é decididamente “precioso”. Ele está relacionado ao lugar do único (singular), ao lugar do precário (“*Talvez não voltem a repetir-se*”), oposto ao valor quantitativo da duração.

O lugar a que as autoras se opõem explicitamente é o lugar da quantidade: *O projeto integrado que aqui se discute parte do pressuposto de que a adoção de um paradigma indiciário de cunho qualitativo, como o proposto por Ginzburg para a investigação em história, pode ser mais produtiva de que a adoção de um paradigma inspirado nos modelos galileanos que governam a investigação das chamadas ciências exatas (centrada na quantificação e na repetibilidade de resultados obtidos com base*

*em situações experimentais, para a investigação dos fatos concernentes à relação sujeito/linguagem”.* (Abaurre, M.B.M.; Fiad, R.S.; Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1995: 14)).

Ora, no que concerne à linguagem; sublinhar aquilo que nela é singularidade ou aquilo nela é, digamos assim, repetição, regularidade, não deixa de ser uma questão de escolha, obviamente, do investigador, posto que, na linguagem, a repetição (relacionada à quantidade) e a criação (associada, de algum modo, à singularidade) estão presentes simultaneamente em todo e qualquer discurso. A própria presença de lugares-comuns no discurso é um bom exemplo disto: por um lado, pode-se enfatizar, no exame dos lugares-comuns, aquilo que se repete, aquilo que está presente em outros discursos, e, por outro lado, pode-se favorecer o exame da utilização dos diferentes recursos através dos quais são expressos um lugar-comum qualquer. Enfim, na utilização de lugares estão envolvidas criação e repetição sempre. Favorecendo, então, a singularidade do discurso, no processo de explicitação do lugar-comum, temos que levar em conta certos indícios. Desse modo, a questão da interpretação, atividade em que a própria subjetividade daquele que interpreta está em jogo, aparece de forma patente.

Os textos que analisaremos a seguir, como ilustração do que dissemos, são dois textos em que o lugar da qualidade, mais especificamente o *carpe diem*, ganha expressão em formas bem diversas. No *carpe diem*, a precariedade pode ser considerada como um valor qualitativo em oposição à duração, ao valor quantitativo, como vimos. É que tudo o que é ameaçado ganha um valor iminente. O *carpe diem* é, assim, o lugar que valoriza a brevidade do momento, intenso na qualidade de seus prazeres.

Achcar, F. (1991:50-1) detecta o que ele chama de elementos do *carpe diem* enquanto gênero, que são em essência os que se seguem: 1) fugacidade da existência em geral. Utilizam-se, como equivalentes objetivos da fugacidade, processos ligados à natureza. 2) Advertência sobre a inutilidade de preocupações com o futuro. 3) Advertência sobre esperanças descabidas. 4) Tema da morte. 5) Advertência ameaçadora sobre a velhice. 6) Conselho a resignar-se (ao que os deuses nos reservam). 7) Exortação ao gozo presente.

Na canção popular brasileira, nem todos, mas alguns dos elementos apontados por Achcar, F. (1992), estão presentes.

Veja-se a canção abaixo:

Lindonéia

(Caetano Veloso e Gilberto Gil)

*1 - Na frente do espelho,  
sem que ninguém a visse,  
miss, linda, feia,  
Lindonéia desaparecida.*

*5 - Despedaçados, atropelados,  
cachorros mortos na rua,  
policiais vigiando,*

*o sol batendo nas frutas  
sangrando.*

*10 -Oh, meu amor,  
a solidão vai me matar  
de dor.  
Lindonéia, cor parda,  
frutas na feira.*

*15 -Lindonéia, solteira,  
Lindonéia, domingo, segunda-feira.  
Lindonéia desaparecida  
na igreja, no andor.  
Lindonéia desaparecida*

*20 -na preguiça, no progresso.  
Lindonéia desaparecida  
nas paradas de sucesso.  
Oh, meu amor,  
a solidão vai me matar  
25 -de dor.  
No avesso do espelho  
mas desaparecida  
ela aparece na fotografia  
do outro lado da vida*

*30 -Despedaçados, atropelados  
cachorros mortos nas ruas,  
policiais vigiando,  
o sol batendo nas frutas,  
sangrando.*

*35- Oh, meu amor,  
a solidão vai me matar  
de dor.*

Nessa canção, a “duração” aparece associada à repetição, à monotonia do universo no qual vive Lindonéia. A valorização do “momento”, em oposição à “duração”, pode ser deduzida pela desvalorização dessa “duração”, dessa repetição que constitui a vida recatada e reclusa de Lindonéia. Nas linhas 15 e 16, há uma síntese do que estamos falando: “Lindonéia solteira, Lindonéia domingo, segunda-feira”. Dentro deste contexto, a simples nomeação dos dias da semana (é indiferente ser domingo ou segunda-feira) expressa a monotonia relacionada à duração. Com “solteira”, explicita-se o tema da sexualidade que, aliás, está presente desde o início da canção: “Na frente do

espelho, sem que ninguém a visse, miss, linda, feia (linhas 1 a 3). A presença do espelho relaciona-se com o narcisismo da personagem, coerente com seu isolamento e reclusão. Há, porém, a possibilidade de a sexualidade contida vazar. Já é sintoma disso o próprio nome da personagem que funde linda e feia. A flutuação “feia” ou “linda” aponta para a necessidade de uma confirmação (miss, linda ou feia) que só pode ser um julgamento de outro, ausente: “sem que ninguém a visse (l. 2).

Nessa canção, o convite (ou conselho) a desfrutar o prazer não é expresso. Está implícito. Mas facilmente se deduz, se atentarmos para o contraste existente entre o universo de reclusão de Lindonéia e o universo “lá fora” que explode em sensualidade.

A valorização do momentâneo, em oposição ao que é durável, encontra expressão muito nítida no trecho: “no avesso do espelho, mas desaparecida, ela aparece na fotografia, do outro lado da vida”. Nesse trecho, “fotografia” é um equivalente objetivo da permanência, da duração. “Fotografia” está associada explicitamente ao avesso, isto é, ao “outro lado da vida”.

O *carpe diem* é expresso de maneira muito diferente na seguinte canção:

*Januária*  
(Chico Buarque)

*1 - Toda gente homenageia  
Januária na janela  
Até o mar faz maré cheia  
Pra chegar mais perto dela*

*5 - O pessoal desce na areia  
E batuca por aquela  
Que, malvada, se penteia  
E não escuta quem apela*

*Quem madruga sempre encontra  
10- Januária na janela.  
Mesmo o sol, quando desponta  
Logo aponta os lábios dela*

*Ela faz que não dá conta  
De sua graça tão singela  
15- O pessoal se desaponta  
Vai pro mar, levanta a vela*

A oposição entre ação e contemplação, presente em Lindonéia, aquela que se contempla “na frente do espelho” está também presente nesta canção, através da introdução de “na janela” (“Toda gente homenageia/Januária na janela” (linhas 1 e 2)). Assim como o mundo do espelho opõe o universo particular de Lindonéia ao mundo “lá fora”, a janela separa aqui Januária do resto do mundo. Da janela, Januária contempla o

espetáculo do mundo, sem, aparentemente, se envolver com ele. Contudo, a relação entre Januária e o mundo nem por isso deixa de ser marcada pela sensualidade (“Mesmo o sol quando desponta/logo aponta os lábios dela” (l. 11 e 12)).

O tema, por exemplo, da exortação ao gozo, aparece nos versos 5 a 8: “O pessoal desce na areia/E batuca por aquela/Que, malvada, se penteia/E não escuta quem apela”. Nesses versos, desenha-se mais claro um convite ao *carpe diem*, sem identificação de quem o formula. Frente à aparente indiferença de Januária, descrita ao longo da canção, uma ameaça velada se introduz.

Não é muito explicitamente uma advertência ameaçadora sobre a velhice, que consta do conjunto de elementos secundários propostos por Achcar, F. (1992), embora possa ser assimilado a isso, mas uma ameaça de que Januária seja abandonada por todos, como efetivamente ocorre no final da canção.

Nas duas canções, a preferência por um momento tido como especial (qualidade) evoca uma outra possibilidade: a preferência pela duração (quantidade). Os exemplos em que aparecem a relação antitética entre quantidade e qualidade, é óbvio, poderiam ser mais abundantes. É isso porque a oposição entre os lugares da quantidade e os lugares da qualidade aparece com muita frequência em diferentes épocas e em diferentes circunstâncias na cultura do Ocidente.

Mas o que será que pode explicar a preferência pela utilização de um lugar ao invés de outro; por exemplo, o lugar da qualidade ao invés do lugar da quantidade, ou o inverso? Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L. não acreditam que o uso de certos lugares (ou de certas argumentações) caracterizam necessariamente um meio cultural. Acreditam, no entanto, que a situação argumentativa, complexo que abrange o objetivo que o orador visa e os argumentos com os quais há risco de se chocar, é essencial para a determinação dos lugares aos quais se recorrerá. Dizem eles: “*Assim é que a escolha entre diferentes lugares, lugares da quantidade e lugares da qualidade, por exemplo, pode resultar de um ou de outro componente da situação argumentativa: ora veremos claramente que é a atitude do adversário que influi nessa escolha, ora veremos, ao contrário, o vínculo entre essa escolha e a ação por desencadear.*” (Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L (1996: 109).

Perelman, enfim, utiliza a oposição classicismo x romantismo como um exemplo em que estão envolvidos quantidade x qualidade: “*Poder-se-ia encontrar um exemplo muito mais genérico de semelhante oposição no esforço feito pelos românticos para inverter certas posições do classicismo: onde percebiam que este podia defender-se mercê dos lugares da quantidade, o romantismo recorria inevitavelmente aos lugares da qualidade. Se os clássicos visavam o auditório universal, o que sob certo aspecto é um apelo à quantidade, era normal que os românticos, cuja ambição se limita a persuadir um auditório particular, recorressem a lugares da qualidade: o único, a elite, o gênio.*” (Perelman, Ch. e Olbrechts-tyteca (1996:109)).

Em suma, o classicismo está associado ao que é universal e eterno, ao racional, ao estável, ao duradouro, ao essencial, etc., enquanto o romantismo aparece ligado ao único, ao original, ao distinto, ao marcante na história, ao precário, ao irremediável, etc. (Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca (1996: 111)).

Para concluir, façamos algumas poucas observações a respeito da utilização da noção de singularidade nos estudos de aquisição da linguagem citados aqui. Em

primeiro lugar, em vez de pensar a questão da singularidade em relação a dois paradigmas (galileano x indiciário), preferimos, antes, pensá-lo em relação a lugares (quantidade x qualidade). Isso foi feito para ressaltar que a oposição quantidade x qualidade, estudada desde os antigos, é bastante utilizada em vários tipos de argumentação, inclusive em argumentações utilizadas por paradigmas opostos.

Em segundo lugar, gostaríamos de afirmar o que segue: na nossa cultura, o singular aparece, sem dúvida, como um lugar eminentemente romântico, considerando-se nossa história. Não nos parece, no entanto, interessante associar o que estamos chamando de romântico a uma tendência do homem, como o fazem Perelman, Ch. e Olbrechts-Tyteca, L. (1958: 187): *“Ao longo de um estudo geral, dedicado à teoria da argumentação, verificamos, de passagem, que certas estruturas argumentativas apresentam traços que, com toda espontaneidade, qualificaríamos de clássico e outros que lembram, por antítese, o romantismo. Parece-nos que o exame dessas estruturas poderia trazer alguma contribuição à precisão e ao esclarecimento do que parece corresponder a duas tendências fundamentais do homem: o espírito clássico e o espírito romântico”*.

O que nos parece essencial é que muitas questões levantadas pelos românticos estão bem vivas na atualidade.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro-Tecnoprint.

ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. e MAYRINK-SABINSON, M.L.T. (1995). Em busca de pista. In: ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. e MAIRINK-SABINSON, M.L.T. (1997): 13-36.

\_\_\_\_\_. (1997). *Cenas de Aquisição da Escrita -o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: ALB-Mercado de Letras.

ACHCAR, F. (1992). *Lírica e lugar-comum - alguns temas de Horácio e sua presença em português*. Tese de doutorado, São Paulo: Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP.

PERELMAN, Ch. e OLBRECHTS-TYTECA, L. (1958). Classicismo e romantismo na argumentação. In: PERELMAN, Ch. (1997). *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes. 187-97.

\_\_\_\_\_. (1996). *Tratado da argumentação - a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.